


# **SENTIDOS DE GEOGRAFIA A PARTIR DAS ATUALIDADES NO VESTIBULAR: A INFORMAÇÃO E O CONHECIMENTO ESCOLAR EM DISPUTA**

**SENSES OF GEOGRAPHY FROM CURRENT EVENTS  
IN UNIVERSITY ENTRANCE EXAMS: INFORMATION  
AND SCHOOL KNOWLEDGE IN DISPUTE**

**SENTIDOS DE GEOGRAFÍA A PARTIR DE LAS ACTUALIDADES  
EN EL EXAMEN DE INGRESO UNIVERSITARIO: LA INFORMACIÓN  
Y EL CONOCIMIENTO ESCOLAR EN DISPUTA**

**Jéssica da Silva Rodrigues Cecim<sup>1</sup>**

 0000-0002-7928-9913

[jessica.cecim@ufg.br](mailto:jessica.cecim@ufg.br)

<sup>1</sup> Docente no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE) da Universidade Federal de Goiás (UFG), atuando no Ensino Fundamental I, II e Ensino Médio. É doutora em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e participa do Laboratório de Pesquisa Ateliê de Pesquisas e Práticas em Ensino de Geografia (APEGEO) e do Grupo de Pesquisa Tear. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7928-9913>. E-mail: [jessica.cecim@ufg.br](mailto:jessica.cecim@ufg.br).

Artigo recebido em outubro de 2024 e aceito para publicação em julho de 2025.



Este artigo está licenciado sob uma Licença  
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

**RESUMO:** Este artigo discute as operações que instrumentos de currículo, como o vestibular e Enem, promovem na identificação de um conhecimento geográfico escolar como a assimilação de uma variedade de fatos ocorridos no mundo contemporâneo, aqui denominados de “atualidades”. Metodologicamente, pautou-se na leitura de mundo proposta por Laclau e Mouffe (2015) como base para a análise dos itens de prova, comentários da banca de elaboração e correção de provas da Comissão Permanente para os Vestibulares da Universidade Estadual de Campinas (Comvest-Unicamp). Ainda que com foco na Comvest, propõe-se também considerar a ação do Exame Nacional do Ensino Médio, *sites* voltados ao universo das provas de seleção para o Ensino Superior e enunciados de professores da Educação Básica. Conclui-se que é possível estabelecer uma articulação entre a Geografia Escolar e as informações propagadas pelos meios de comunicação, que ora são utilizados para mobilizar conteúdos tradicionalmente geográficos ora se constituem como um conteúdo e conhecimento geográfico em si.

**Palavras-chave:** Conhecimento geográfico escolar. Comvest-Unicamp. Enem. Meios de comunicação e informação.

**ABSTRACT:** This article discusses the operations that curriculum instruments, such as university entrance exams and the National High School Exam (Enem), promote in identifying school geography knowledge through the assimilation of various events occurring in the contemporary world, here referred to as “current events.” Methodologically, it is based on Laclau and Mouffe’s (2015) worldview as a foundation for analyzing test items, comments from the exam committee, and corrections by the Permanent Commission for Entrance Exams of the State University of Campinas (Comvest-Unicamp). Although focused on Comvest, it also considers the actions of the National High School Exam, websites dedicated to university entrance exams, and statements from Basic Education teachers. The conclusion suggests a possible articulation between school Geography and the information disseminated by the media, which are sometimes used to mobilize traditionally geographic content and, at other times, constitute content and geographic knowledge in themselves.

**Keywords:** School geography knowledge. Comvest-Unicamp. Enem. Media and information.

**RESUMEN:** Este artículo discute las operaciones que los instrumentos curriculares, como los exámenes de ingreso universitario y el Examen Nacional de la Enseñanza Media (Enem), promueven en la identificación de un conocimiento geográfico escolar mediante la asimilación de una variedad de hechos ocurridos en el mundo contemporáneo, aquí denominados “actualidades”. Metodológicamente, se basa en la lectura del mundo propuesta por Laclau y Mouffe (2015) como base para el análisis de los ítems de las pruebas, comentarios del comité de elaboración y corrección de las pruebas de la Comisión Permanente de Ingreso de la Universidad Estatal de Campinas (Comvest-Unicamp). Aunque centrado en Comvest, también se propone considerar la acción del Examen Nacional de la Enseñanza Media, sitios web dedicados al universo de los exámenes de ingreso universitario y enunciados de profesores de la Educación Básica. Se concluye que es posible conjeturar una articulación entre la Geografía escolar y la información propagada por los medios de comunicación, que a veces se utiliza para movilizar contenidos tradicionalmente geográficos y, en otras ocasiones, se constituye como un contenido y conocimiento geográfico en sí mismo.

**Palabras clave:** Conocimiento geográfico escolar. Comvest-Unicamp. Enem. Medios de comunicación e información.

## INTRODUÇÃO

Ao pensarmos na Geografia do ponto de vista escolar, podemos nos remeter a alguns significantes que vão compondo os imaginários acerca do objeto de estudo e objetivos desse componente curricular na Educação Básica. Enquanto docente, no início do ano letivo com as turmas do 1º ano do Ensino Médio, costumo questionar os estudantes acerca do que a Geografia estuda-ensina. É muito frequente ouvir assertivas como: “relevo, população, mapas, geopolítica, vulcões, textos, Guerra Fria, vegetação, gráficos, exercícios do livro, conflitos, paisagem” etc.

É possível notar que, ao definirem um objeto de estudo para a Geografia, trazem, frequentemente, conteúdos e metodologias que perpassam essa disciplina escolar. Não carrego a expectativa de que os estudantes da educação básica tenham tanta clareza acerca de um possível objeto de estudo da Geografia Escolar tal qual esperamos que um estudante da graduação em Geografia deveria, ao menos, se arriscar em afirmar. Por outro lado, torna-se uma atividade instigante e muito profícua analisar os imaginários que os discentes carregam consigo ao pensar na Geografia.

Há semelhanças e diferenças entre realizar essa pergunta na Segunda Fase do Ensino Fundamental e no Ensino Médio. No Ensino Médio, foco deste artigo, muitas vezes a Geografia vem associada a temas atuais, sejam envolvendo aspectos mais socioespaciais ou físico-naturais.

A inspiração para a escrita deste trabalho se deu, principalmente, a partir de observações e vivências no contexto de aulas de Geografia em turmas do Ensino Médio (1º, 2º e 3º anos). Fosse eu a docente ou não, era recorrente que os estudantes trouxessem notícias propagadas nas mídias para serem debatidas em sala de aula. Da mesma maneira, era comum que os docentes também o fizessem. Ao me deparar com esse cenário, iniciou-se uma série de questionamentos epistemológicos e ontológicos a respeito da Geografia enquanto componente curricular da Educação Básica e sua relação com os currículos escolares e outros instrumentos curriculares, como vestibulares e Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), por exemplo.

Este artigo tem o objetivo de discutir enunciados que colocam na Geografia Escolar a responsabilidade de manter os estudantes bem informados e atualizados acerca dos mais variados acontecimentos mais intensamente propagados pelos meios de comunicação. Metodologicamente, foi utilizada a pesquisa qualitativa em educação (Ferreira *et al.*, 2023) tendo como objeto de estudo os itens de prova e respostas esperadas da Comissão Permanente para os Vestibulares da Universidade Estadual de Campinas (Comvest-Unicamp), localizada no município de Campinas (São Paulo), com recorte temporal de 2014 a 2024. Os itens de prova e análises também se darão de forma dialogada com trechos de entrevistas realizadas por mim realizadas com professores de Ensino Médio das redes pública e privada de ensino.

Em relação aos pressupostos de método, as análises se deram por meio da Teoria do Discurso de Laclau e Mouffe (2015), os quais analisam como discursos se tornam hegemônicos em determinados contextos sociais a partir de cadeias de equivalências e diferenças que buscam elencar demandas particulares na qualidade de universais como forma de estabilização de determinado discurso. No escopo deste trabalho cabe, portanto, discutir quais sentidos de conhecimento geográfico escolar vão sendo construídos por meio das provas de seleção para o Ensino Superior da Comvest. Ainda que nosso recorte, neste trabalho, seja o de uma instituição específica, é possível perceber esses sentidos em outros espaços, sejam eles relacionados ao Enem, à escola, aos materiais didáticos, às práticas docentes e assim por diante.

O artigo está dividido em introdução, análise dos enunciados da banca elaboradora e corretora das provas, sentidos de Geografia Escolar a partir dos itens de prova, sua relação com as informações propagadas pelos meios de comunicação, e considerações finais. Ao final da pesquisa, foi possível elaborar uma associação entre a Geografia Escolar e um discurso do presente, sobretudo no vestibular das universidades estaduais paulistas e do Enem.

## A GEOGRAFIA QUE SE ESPERA A PARTIR DO UNIVERSO DOS EXAMES VESTIBULARES

No que se refere ao Enem e vestibulares, há uma quantidade significativa de publicações *online* que informam as principais características das provas de seleção de cada instituição de Ensino Superior<sup>2</sup>, mesmo considerando o alcance que o Enem atingiu nos últimos anos como meio de seleção para faculdades e universidades públicas e privadas.

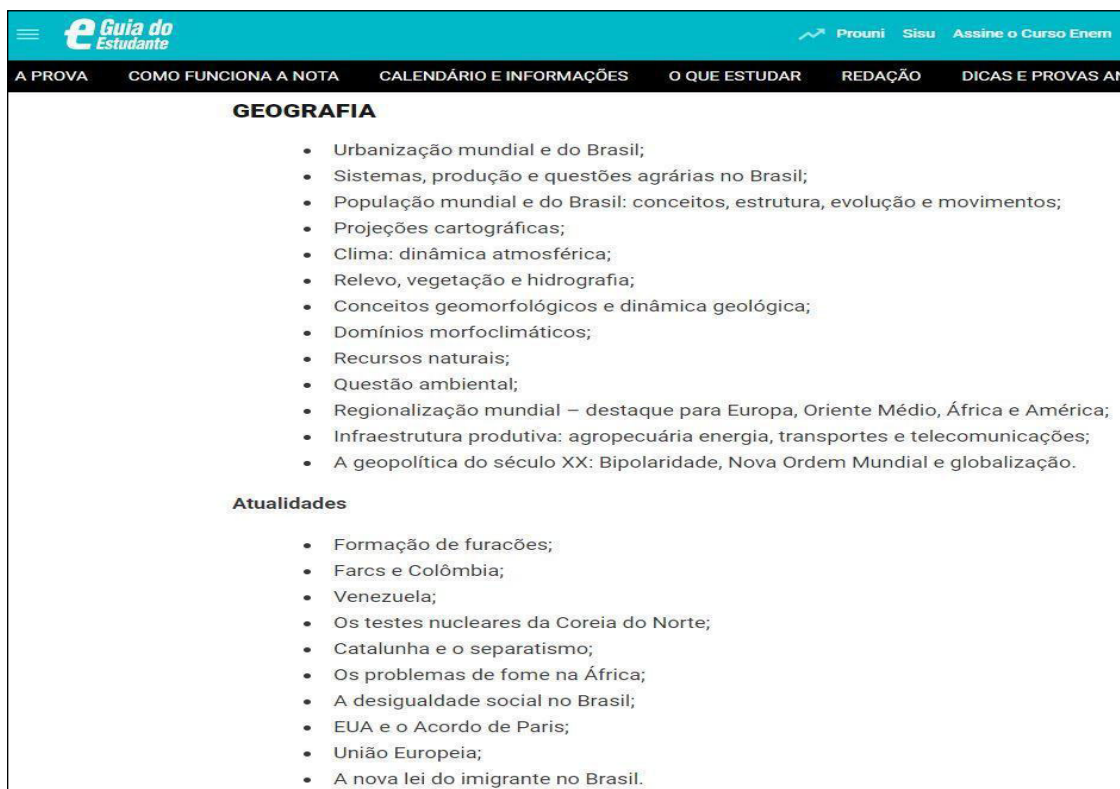
Essas plataformas, assim como canais *online*, tentam estabelecer quais são/serão os conteúdos mais presentes nas provas. É nesse sentido que significantes como “clássico” e “tradicional” expressam o que pode ser exigido na prova. Ao mesmo tempo, informam quais são aqueles acontecimentos/conteúdos que apresentam uma maior probabilidade de serem cobrados em função de acontecimentos recentes e debates atuais de maior repercussão midiática.

Esses canais informativos, e por vezes autodeclarados como “educacionais”, procuram orientar o olhar do vestibulando no que tange a todos os componentes curriculares que formam os exames vestibulares. No caso das Ciências Humanas e, mais especificamente, da Geografia, há uma maior proximidade entre os conteúdos disciplinares e os conteúdos classificados como “atualidades”. Esses últimos, apesar da denominação que os diferenciam de uma disciplina específica, por vezes encarnam conteúdos frequentemente significados como integrantes da Geografia Escolar. Em outros momentos, trazem acontecimentos recentes que se relacionam com esses conteúdos, conforme trabalhado em Cecim (2020a, 2020b, 2021) e Cecim e Straforini (2022).

De acordo com Andrade (2023), as atualidades andam de braços dados à interdisciplinaridade quando se trata do ensino de Geografia - o que, por vezes, acaba por reforçar uma dicotomização “Geografia física X Geografia humana” dado à forma como os exames vestibulares se referem aos conteúdos de cunho geográfico. O autor corrobora nossos argumentos ao debater o quanto de “jornalístico” não haveria nesse tipo de abordagem.

Nessa mesma direção, autores como Suertegaray (2018) e Amorim (2020) reiteram a antiga necessidade de combater essa fragmentação. Ambos os autores possuem produção científica na área da geomorfologia e são constantemente inseridos no grupo da “Geografia Física”. No âmbito dos vestibulares há o argumento de pedagogização do conhecimento a partir de um olhar destrinchado, por assim dizer, de determinados conteúdos. Frequentemente, nesse intento, há a reprodução de fragmentação dicotômica associada a uma abordagem mais próxima ao factual do que a algum tipo de raciocínio geográfico.

Um dos sites com maior abrangência no estado de São Paulo, o Guia do Estudante (Figura 1), traz a lista dos conteúdos considerados mais recorrentes no vestibular da Unicamp por componente curricular. Nessa listagem, as atualidades aparecem como uma temática à parte, todavia, ainda assim, como pertencentes à Geografia.



Fonte: Guia do Estudante.

**Figura 1.** “O que estudar” - seção de recomendação de professores da Educação Básica sobre os conteúdos cobrados no vestibular da Unicamp segundo o portal *Guia do Estudante*.<sup>3</sup> A Geografia aparece como o único componente curricular onde as atualidades se associam à grade de conteúdos que devem ser estudados.

Em 2024, por exemplo, o *site* traz na página “Unicamp 2025: 7 atualidades do ano que podem cair na prova” o seguinte texto:

Para te ajudar a selecionar as atualidades deste ano que merecem sua atenção, o GUIA DO ESTUDANTE conversou com Sebastian Fuentes, *professor de Geografia e Atualidades* do Curso Pré-Vestibular Oficina do Estudante e Rafaela Locali, *professora de Geografia* do Curso Anglo, e reuniu alguns temas (20/09/2024 - acesso em 20 de outubro de 2024 - grifo próprio).

Dentre os conteúdos elencados, não é difícil associá-los àqueles que são comumente disputados como constituintes da Geografia, como: impactos das chuvas no Rio Grande do Sul, Super El Niño, cenário político de Taiwan, conflito Israel e Palestina, expansão dos BRICS e acordo Mercosul - União Europeia. Há, dessa forma, uma reafirmação do caráter atual dos conteúdos relacionados ao ensino de Geografia, posto que, para além dos itens de prova apresentarem discussões mais atuais sobre alguns conteúdos significados como tradicionais, demarcou-se uma categoria dentro da Geografia que conduz a forma que esses conteúdos devem ser estudados pelos candidatos. Na antiga coleção impressa publicada como “Guia do Estudante Geografia Vestibular + Enem”, de 2014, há o seguinte texto do editor dedicado ao leitor:

P.S. O GUIA DO ESTUDANTE GEOGRAFIA é publicado anualmente desde 2008. Todos os anos fazemos uma ampla revisão, atualizando dados e informações para trazer até você uma publicação cada vez mais útil aos seus estudos. Muitos dos conceitos e das definições publicadas nas edições anteriores são reaproveitados por se tratar de conteúdos que não exigem atualização. Vale ressaltar também que este GUIA apresenta os principais assuntos da geografia física. *Para abordar aspectos mais relacionados aos temas contemporâneos da geografia humana, publicamos duas vezes por ano o GUIA DO ESTUDANTE ATUALIDADES.* Com as duas publicações, você tem um farto material para arrebentar nas provas de geografia (GUIA DO ESTUDANTE ABRIL, 2014 – grifo próprio).

Assim, é construída a equivalência entre temas contemporâneos, Geografia humana e atualidades como participante de uma mesma lógica que coloca o estudo dos acontecimentos do tempo presente como produtor de sentidos para a Geografia Escolar. Em discussão sobre o Enem, Vesentini (2004) faz referências aos vestibulares tradicionais e cita, especificamente, as provas elaboradas pela Comvest em uma associação entre as atualidades e os conteúdos de Geografia requeridos no exame.

Em todo caso, no que se refere ao tipo de questões – e em especial à disciplina geografia –, o resultado desses exames realizados até o momento tem sido satisfatório, bastante superior aos melhores (ou menos ruins) exames vestibulares. Estes últimos são pouco criativos e sempre repetem uma mesma fórmula: todos sabemos que existe um tipo de questão que em geral cai na parte de geografia do vestibular da Unicamp (cobrança de leitura de jornais ou atualidades), um outro um pouco diferente na Fuvest [Fundação Universitária para o Vestibular da Universidade de São Paulo-USP], outro na UFRJ e etc. São questões que não exigem raciocínio ou habilidades e sim um conhecimento prévio e, dessa forma, são facilmente assimiláveis pelos cursinhos preparatórios (Vesentini, 2004, p. 350).

Ao voltarmos o olhar para os comentários das provas da primeira e da segunda fase, é recorrente a reiteração de enunciados que relacionam diretamente a expectativa positiva de desempenho dos vestibulandos à frequência com a qual o assunto abordado no item foi propagado nos meios de comunicação. Há, do mesmo modo, a construção de uma articulação entre os acontecimentos divulgados na mídia com um tipo de conhecimento de cunho atual, de modo que todos aqueles conteúdos que são expostos nos meios de comunicação são debates atuais e, sendo discussões atuais, espera-se que, *consequentemente*, o candidato seja capaz de responder aos itens da prova de Geografia da maneira esperada.

### **Análise dos itens de prova**

O item 66 do Vestibular 2016 apresenta um conteúdo frequentemente abordado nas aulas de Geografia: fluxos migratórios.



(Fonte: <http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,imigrantescruzam-a-macedonia-para-chegar-ao-norte-daeuropa,1749226>.)

Indique a afirmação correta a respeito dos grandes fluxos migratórios atuais no contexto da globalização.

- a) Envolvem imigrantes da América Latina, do norte da África e do Oriente Médio, atraídos pela industrialização fordista da Europa e dos Estados Unidos, que gera trabalho nas fábricas e na construção civil.
- b) Direccionam-se para os países ricos ou em crescimento econômico e envolvem aquelas áreas de expulsão, cujas populações de origem sempre tiveram culturalmente vocação para a realização de grandes deslocamentos.
- c) Resultam das diferenças entre a situação econômica dos países pobres e ricos e se direccionam para os lugares em que as populações falam a mesma língua ou possuem proximidades culturais.
- d) Assumem distintas direções, sendo que uma das rotas dos imigrantes para a Europa inicia-se em países do Oriente Médio e da costa oriental do norte da África, indo até a Grécia, com travessia pelo mar Mediterrâneo.

Fonte: Comvest (2017).

**Figura 2.** Item 66 do Vestibular 2016. Gabarito: D.

Os comentários da banca de elaboração e correção construíram suas expectativas em relação ao desempenho dos candidatos com base em duas premissas: a abordagem do conteúdo no Ensino Médio e sua recorrência nos meios de comunicação.

*A questão aborda os recentes fluxos migratórios na Europa originados em países do Oriente Médio e norte da África. Esse tema foi amplamente discutido no ano de 2015 em razão da crise humanitária produzida pelos conflitos armados na Síria e em outros países da região. Além de tratar de tema abordado nas aulas de Geografia Humana no ensino médio, a questão exigia do vestibulando conhecimento sobre as dinâmicas demográficas, econômicas e sociais do mundo atual a partir do acompanhamento de noticiários nos diversos meios de comunicação. Os resultados alcançados, com um elevado índice de acerto (74,86%), indicam que os candidatos conseguiram identificar e compreender adequadamente as causas socioeconômicas e a região onde ocorre o fenômeno abordado na questão. A banca elaboradora previa um elevado índice de acerto por se tratar de tema com muita exposição nos meios de comunicação e bastante debatido em sala de aula no ensino médio (Comvest, 2016, s/p – grifo próprio).*

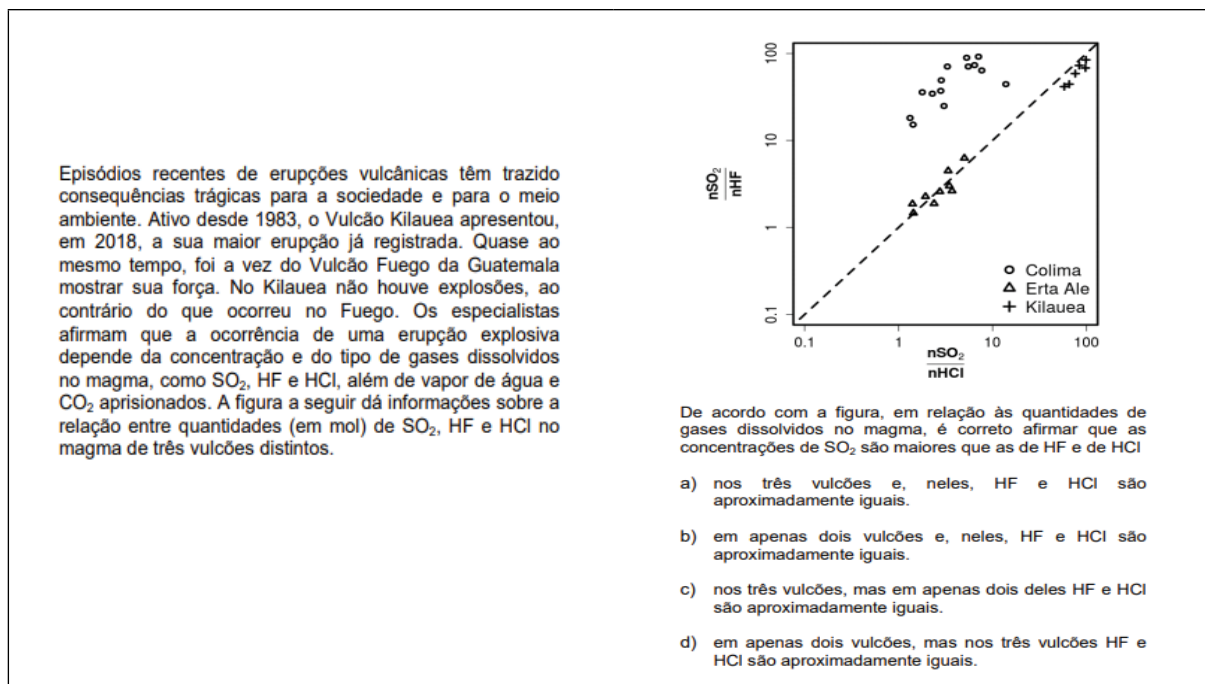
No excerto, tanto os meios de comunicação quanto a abordagem realizada nas aulas de Geografia no Ensino Médio são compreendidos como mobilizadores do conhecimento geográfico escolar demandado e construído pelas provas do vestibular. Os conteúdos sobre migração internacional e a crise dos refugiados, de fato, têm sido debatidos nos meios de comunicação nos últimos anos, a cada momento com especificidades de países envolvidos, acordos e políticas realizadas e novos sentidos de fluxos populacionais. O conteúdo de migração, previsto em documentos curriculares nacionais (PCNEM, 2000; OCEM, 2006; PCNEM+, 2007; BNCC, 2018), é acrescido do significante *atual* para que o candidato possa responder ao item de acordo com o esperado pelo gabarito. Em conjunto a esse significante, a globalização é trazida de modo a representar o contexto deste momento, podendo ser associada a significantes como “atual”, “presente”, “contemporâneo”, “hoje em dia” e “atualmente”, dentre outros que guardam relações de semelhança de sentido.

O item 66 se utiliza ainda de uma fonte jornalística para o recurso visual utilizado na construção do enunciado. Assim, há uma reiteração do tempo presente associado à Geografia que se dá por meio da referência utilizada no item, somado ao significante atual (e globalização) no enunciado com os comentários de expectativa e análise de resultados realizada pela banca de elaboração e correção. Destaco que a questão que procuro levantar neste artigo não é a utilização de excertos de notícias, reportagens e afins nas provas de Geografia, mas, sim, a forma como esse material incorpora os sentidos de conhecimento geográfico escolar a partir do momento em que se espera que o candidato obtenha desempenhos positivos na prova pautados no seu nível de apropriação das propagações midiáticas, dito em outras palavras, o seu nível de atualização dos fatos jornalísticos e midiáticos. Essa associação entre o desempenho do candidato e o seu conhecimento sobre as informações atuais abordadas nos itens são frequentes durante todos os anos de provas analisadas.

Compreendo que a suposta familiaridade do vestibulando com o tema abordado na questão pode ser algo que auxilie no seu desempenho positivo. Todavia, a forma como é criada a concepção de que ao constar na mídia o acerto na prova é uma consequência, coloca o conteúdo midiático como equivalente ao conteúdo geográfico ministrado na Educação Básica. Nesse sentido, a mídia personificada assume papel de mobilizadora de conteúdos atuais que apresentam relações metonímicas (Laclau, 2011) com os conteúdos geográficos escolares. Os meios de comunicação acabam por agir como *atualizadores* de conteúdos entendidos como *tradicionalmente* geográficos. No limite, o fato jornalístico corporificado em um acontecimento atual assume sentido discursivo de conhecimento geográfico escolar.

Provas de outros componentes curriculares, como Química, por exemplo, foram brevemente analisadas com o intuito de refletir sobre essa expectativa de *performance* promovida pela banca elaboradora e corretora das provas. Pôde ser observado que alguns temas que apresentaram maior propagação nas mídias também estão presentes nas questões, porém, surgem como “chamativos” para conteúdos recorrentemente associados à Química escolar e que, por si só, não se encontravam presentes, ou explícitos, nas notícias sobre os acontecimentos.





Fonte: Comvest, 2018.

**Figura 3.** Item 88 do Vestibular 2019. Prova W. Gabarito: C.

Em relação às expectativas de desempenho dos candidatos no item 88 do Vestibular 2019, a banca elaboradora e corretora afirma:

A questão exige uma análise de relações entre quantidades de substâncias, uma temática central em Química. Neste sentido, foi utilizado como exemplo um assunto de grande interesse ambiental: as atividades vulcânicas e sua origem, que está relacionada às concentrações de gases dissolvidos no magma. Desta forma, a questão pode ser facilmente correlacionada com a Geografia. Para a sua resolução, é necessária a avaliação comparativa entre as quantidades (número de mols) de três substâncias em fase gasosa (HCl, HF e  $\text{SO}_2$ ) para três vulcões distintos (Colima, Erta Ale e Kilauea). (...) Neste sentido, a questão tem por objetivo avaliar a capacidade de leitura e interpretação de gráficos relacionados a Química (Comvest, 2019 – grifo próprio).

A articulação entre *bom desempenho* nas provas e *se manter atualizado* é uma característica das provas da Comvest que extrapola os itens de Geografia, visto que se configura como uma das premissas adotadas pela instituição ao estabelecer o perfil de aluno ingressante almejado para os seus cursos de graduação (Cecim, 2020). No entanto, o argumento aqui levantado é o de que quando se trata dos itens de Geografia, os acontecimentos presentes em reportagens e notícias são significados em relação equivalencial com o conhecimento geográfico escolar, ou seja, para além de mobilizar conteúdos fixados como pertencentes a esse componente curricular, colocam as atualidades significadas como um conteúdo geográfico propriamente dito.

Igualmente, foram analisadas de forma sumária as provas e comentários da banca do componente curricular de História, associada à área de Ciências Humanas. Na História, o posicionamento relacionado ao tempo de ocorrência dos acontecimentos nos possibilita refletir sobre a reiteração da importância da relação entre os acontecimentos do passado com os do presente.


Na justificativa dos temas abordados em suas provas, tanto nos comentários das provas de Química quanto nos de História, a atualidade das discussões é apontada como relevante na elaboração dos itens. Entretanto, nas explicações de cada um dos itens, não é construída uma relação direta entre a frequência de certos temas nos meios de comunicação e as expectativas de desempenho dos candidatos por parte da banca. No caso da Geografia, no entanto, a notícia em si, por diversas vezes, se mostra como crucial para o conhecimento geográfico escolar mobilizado.

### **Análise dos itens de prova: o atual e a geopolítica como reivindicação geográfica**

Ao analisar os itens de prova, foi possível perceber outro conteúdo recorrentemente associado às atualidades, a saber, a geopolítica. No Enem e nas provas da Comvest, esse tema vem em articulação a uma espécie de necessidade de atualização. O item 14 do Vestibular-Comvest de 2016 é identificado pela banca como concernente à geopolítica e diz respeito à formação de salares e à exploração de lítio na América do Sul.

**14.**

Área de reserva de lítio na Bolívia



Fonte: <http://www.dw.com/pt/o-l%C3%ADtio-ser%C3%A1-uma-moeda-de-alta-procura-no-mundo-diz-pesquisador/a-16384992>.  
Acessado em 28/11/2015.

O carbonato de lítio é um mineral que possui importante capacidade como condutor de calor e de eletricidade. Esse mineral é aproveitado, entre diversos outros usos, para a produção de baterias, necessárias ao funcionamento de aparelhos eletrônicos portáteis e de veículos elétricos. Trata-se de uma expressiva riqueza natural, estratégica para o século XXI, da qual poucos países possuem reservas em abundância. Na América do Sul, esse mineral é encontrado em grandes concentrações na Bolívia, no Chile e na Argentina nas regiões conhecidas como salares.

a) Como se formaram os salares na América do Sul e em quais regiões da Bolívia, Chile e Argentina estão localizados?

b) Chile e Bolívia possuem diferentes concepções de política de Estado para exploração das reservas de lítio. Qual é a política adotada por cada um desses países para a exploração desse mineral?

Fonte: Comvest (2016).

**Figura 4.** Item 14 do Vestibular 2016.

O item em questão solicita o processo de formação dos salares e suas localizações nas regiões da Bolívia, Chile e Argentina. Na sequência, indaga quais são as políticas de Estado que Chile e Bolívia adotam para a exploração desse mineral. É possível que consideremos um elevado grau de especificidade solicitado nos itens. Apesar das perguntas “a” e “b”, o item solicita quatro informações distintas: formação de salares, localização, política de Estado chilena e política de Estado boliviana. Os recursos imagético e textual atuam como mobilizadores do conteúdo e, diferentemente do que é construído discursivamente pelo Enem, por exemplo, a sua interpretação não assume papel central para a resposta do item.

Trata-se de um conhecimento de *geopolítica do mundo atual* que envolve as estratégias dos estados nacionais e de grandes empresas privadas pelo controle de recursos naturais. *A banca esperava melhor desempenho dos candidatos por se tratar de um assunto discutido nos meios de comunicação e nos materiais didáticos do ensino médio* sobre a geopolítica dos recursos naturais aplicada pelos países da América Latina, sobretudo aqueles que têm grandes reservas minerais, como Bolívia e o Chile (Comvest, 2016, s/p – grifo próprio).

Para além da surpresa negativa da banca em relação ao desempenho do candidato mesmo com a propagação do tema da questão na mídia, é igualmente possível observar um movimento de responsabilização da escola, de modo que o baixo desempenho dos vestibulandos está relacionado à pouca discussão dos conteúdos em sala de aula. A concepção de que as provas atuam como validadoras do conhecimento dos candidatos permite o discurso de “bom” e “mau” desempenho associado ao grau de conhecimento dos sujeitos envolvidos nas provas. Constrói-se, mais uma vez, uma concepção discursiva pautada em uma visão totalizadora de conhecimento que identifica na Geografia o compromisso com a compreensão de todas as dinâmicas socioespaciais que ocorrem no tempo presente, sejam esses processos de cunho físico-naturais (formação dos salares) ou humanos (políticas adotadas pela Bolívia e Chile).

É importante salientar que, ao afirmar como ou com que intensidade a escola necessita abordar os conteúdos, o vestibular se coloca na condição de um instrumento de currículo. Condição semelhante é construída pelo Enem quando, além de atuar na seleção do acesso ao Ensino Superior, também se qualifica como meio de avaliação da Educação Básica. Itens das provas de vestibular e do exame estão também presentes em listas de exercícios de livros didáticos, além de constituírem a prática pedagógica de alguns professores.

Ao construir sentidos de conhecimento geográfico escolar na superfície de suas provas, esses instrumentos de currículo definem e reivindicam uma forma de se pensar geograficamente. Na Comvest, essa forma de conceber o conhecimento geográfico se pauta na premissa de discussões de cunho atual e que têm nos meios de comunicação um canal de informação sobre conteúdos *identificados* com a Geografia. Destaco o termo “identificados” por desconsiderar a existência de conteúdos geográficos dados *a priori*, ou seja, embasados em uma essência geográfica incontestável e, portanto, irrevogável. Ainda que a Comvest se organize de modo distinto ao Enem, demarcando, dessa forma, cada campo disciplinar em suas provas, o conhecimento validado como geográfico está em constante disputa por significação.

A frequência e a forma de abordagens dos conteúdos realizadas pelo vestibular instituem uma tradição no que se refere ao conhecimento geográfico escolar nesse contexto e articula, dentro de um projeto de hegemonização, um jogo político entre a Geografia Escolar e a Geografia Acadêmica, dado que os itens dialogam diretamente com a Educação Básica, entretanto, são elaborados por professores que compõem a esfera universitária.

O item 02 do Vestibular 2019 aborda um conteúdo já anteriormente abordado em outras edições e que pode ser discriminado no programa (Comvest, 2019) como “Conflitos territoriais, étnicos, militares, ambientais e econômicos”. O item diz respeito a movimentos separatistas europeus e expressões do nacionalismo no contexto da globalização. Apresenta o que considera ser uma discussão contemporânea e que apresenta particularidades quando pensada sob a ótica da globalização. Solicita que os candidatos apontem duas regiões espanholas envolvidas nesse debate e duas expressões do

nacionalismo que se tornam mais recorrentes com a globalização. O texto situa uma discussão sobre o nacionalismo a partir do caso da Espanha, que assume, então, a função de representação de questões nacionalistas frente a movimentos separatistas que assumem o papel de desestabilizadores da unidade nacional, envolvendo grupos étnicos e conflitos territoriais. De acordo com a banca:

Foi salientado que os conteúdos envolvidos na questão são abordados na formação escolar do vestibulando, e que a questão nacional espanhola e o ressurgimento dos nacionalismos foram *temáticas amplamente veiculadas nos meios de comunicação a partir de distintas abordagens* (...) correspondem a *temas que a escola deveria explorar mais, no ensino fundamental e médio*. A presença de respostas em branco ou notas abaixo da média pode revelar um desconhecimento por parte do vestibulando, ou *ausência de debate, em sala de aula, sobre os grandes temas do mundo contemporâneo*. (...) É preciso trazer para a escola esses assuntos, como iniciativa que ajudará os educandos a entenderem *os grandes problemas da humanidade no atual momento histórico*, evitando, assim, o crescimento de comportamentos preconceituosos contra determinados grupos sociais (Comvest, 2019, s/p. - grifo próprio).

Saliento que o debate aqui levantado não é o de avaliar as concepções construídas pela Comvest sobre o conhecimento geográfico escolar, validando-as ou não, mas sim o de abrir possibilidades de interpretação acerca das concepções construídas em torno desse conhecimento. A demanda de que o estudante do Ensino Médio que pretende se candidatar às vagas do vestibular esteja sempre bem informado legitima a presença das atualidades nas provas, sobretudo nos itens de Geografia. Ocasionalmente, outro efeito que é o movimento da busca pela predição de quais, dentre uma gama de possibilidades, serão os conteúdos elencados nos itens de provas. Nessa direção, cabe a ponderação sobre as demandas que são criadas sobre os professores de Geografia.



Fonte: Comvest (2017).

**Figura 5.** Item 70 do Vestibular 2018. Gabarito: D.

O item 70 do Vestibular 2018 criou certa polêmica entre os *sites* voltados ao universo do vestibular, assim como das redes de notícia *online* do UOL Educação e do Portal R7 Educação, que comumente realizam a cobertura dos vestibulares e do Enem. A principal discussão se deu em torno de como a Unicamp, por meio da Comvest, decidiu abordar um tema da atualidade a partir de um conteúdo muito específico identificado como geográfico.

Nas questões de humanas, a Unicamp trouxe temas da atualidade, como o Brexit (a saída da Grã-Bretanha da União Europeia) e o abandono da gestão do norte-americano Donald Trump do acordo de Paris (que busca conter o aquecimento global). Mas também fez perguntas elementares. “Muita gente se perguntou se a prova traria algo da Rússia, dos 100 anos da revolução. A prova teve uma pergunta da Rússia: na geografia, sobre o relevo na ferrovia Transiberiana. Uma questão de geografia clássica”, afirma [Vera Lúcia da Costa Antunes] (UOL EDUCAÇÃO, 20/11/2017 - grifo próprio)<sup>4</sup>.

Nesse trecho, os temas da atualidade encontram equivalência em conteúdos que costumam ser identificados como geopolítica. Tratam-se de acontecimentos que ocorreram no ano da aplicação da primeira fase do vestibular ou ainda no ano antecedente. Em 2017 foram comemorados os “100 anos da Revolução Russa”, levando colégios que apresentam inclinações mais vinculadas ao vestibular a se questionarem como essa celebração seria incorporada às provas. Os temas que marcam a história e fazem aniversário são chamados de “efemérides”. Em Geografia houve então um item dedicado ao relevo russo.

Mesmo que as formas de relevo estivessem previstas no conteúdo programático do Manual do Candidato (Comvest, 2017, p. 39), o conteúdo é trabalhado a partir da memorização da localização das feições geomorfológicas, ou ainda, a partir da memorização das localidades apresentadas nos distratores, como trouxe o professor entrevistado na reportagem. Reitera-se, então, uma significação em torno da Geografia que a aproxima de um caráter enciclopédico (mnemônico) de estudo, um lugar-comum acerca do conhecimento geográfico, conforme trabalhado em Cecim (2020b).

Em entrevista realizada com uma professora do Ensino Médio, que aqui chamaremos de “Luiza”, há enunciados que interpreto como uma possibilidade de se pensar movimentos que são provenientes dos alunos em relação às suas expectativas de conteúdos para o vestibular.

No ano passado apareceu qual era o relevo da Rússia [no vestibular]. Fico me perguntando qual é a importância disso na vida do aluno. Então, o aluno diz que a gente não viu o relevo da Rússia com detalhes. E não vimos mesmo, porque na aula não consigo ver com detalhe o relevo de todos os países do mundo. Eu vejo o relevo geral do mundo e, especificamente, do Brasil. Há aí uma cobrança, não da escola, mas dos alunos. Então querendo ou não, o vestibular tem uma importância para pensar quais são os assuntos que comumente aparecem e que costumam aparecer todo ano. Ele tem um peso para eu definir alguns conteúdos, para saber qual enfoque dar, mas ele não direciona totalmente meu trabalho. Por mais que você trabalhe o tempo todo com questões de vestibular, como tal universidade cobra determinado assunto, na verdade eu não posso trabalhar só amarrada por ele, porque é uma leitura muito pequena (Fragmento da entrevista - Professora Luiza).

Mesmo que nesse trecho de entrevista seja apontada a demanda que é proveniente dos alunos em relação aos conteúdos abordados pelo vestibular, ao refletir mais profundamente, é cabível dizer que a demanda é promovida pelos conteúdos que o vestibular incorpora em suas provas ao longo dos anos. De outro modo: o questionamento levantado pelos estudantes para a professora nos permite considerar a influência do vestibular na situação de parâmetro utilizado por eles para definir o que deveria e o que não deveria ser tratado em sala de aula.

Nesse jogo que define quais são os conteúdos identificados como geográficos que irão ou não compor as provas, igualmente estão presentes as discussões de cunho atual que permeiam os meios de comunicação e outros espaços de interlocução durante o momento de elaboração dos itens. Assim, o que autoriza a presença de um item como o 70 do Vestibular 2018 ser articulado aos “100 anos da Revolução Russa”? Há aqui dois movimentos que podem ser considerados. O primeiro diz respeito às possibilidades de efeito de uma discussão atual ser incorporada nos itens de Geografia da prova. Ainda que o item não faça qualquer referência à revolução, o relevo russo é significado como a forma que a banca de Geografia optou por abordar a temática a partir de um conteúdo previsto no Programa do Manual do Candidato.

O segundo ponto se relaciona à fala da professora Luiza que nos leva a refletir: tendo sido em 2017 o ano em que se fez “100 anos da Revolução Russa”, o que permite a noção de que, ao lecionar os conteúdos de relevo mundial, a professora deveria ter se dedicado ao relevo russo como uma predição da sua reivindicação pelo vestibular em função da atualidade do tema? De outro modo, que operação autoriza a concepção de que os professores da Educação Básica necessitam antever quais e como determinados conteúdos irão aparecer nas provas? No comentário da banca sobre esse item, são realizadas as seguintes colocações:

A questão visou abordar o conhecimento sobre as dinâmicas da geografia física do território russo, versando especialmente sobre as unidades geomorfológicas daquele país. *Trata-se de um tema clássico em geografia física*, tradicionalmente abordado no ensino fundamental e médio. (...) O território russo possui diferentes unidades geomorfológicas, especialmente por suas grandes dimensões continentais, o que garante a importância de sua geoeconomia nacional e no sistema mundo contemporâneo. (...) *Em 2017 completaram-se 100 anos da Revolução Socialista, evento de grande repercussão mundial*. A temática poderia, assim, ser correlacionada com a área de história. (...) Os resultados alcançados, entretanto, com um baixo índice de acerto, demonstram que o estudo das unidades geomorfológicas dos continentes não tem sido valorizado no ensino médio. (...) A Banca Elaboradora considera importante a manutenção do conteúdo na prova da Unicamp,  *sinalizando às escolas e aos cursinhos que a temática deve ser abordada no ensino de geografia* (Comvest, 2018, p.3-4, grifo próprio).

Os comentários, dessa forma, justificam a pertinência do conteúdo se utilizando dos significantes *tema clássico* (da “geografia física”) em conjunto com o pressuposto de que esse é *tradicionalmente abordado* na Educação Básica. Os “100 anos de Revolução Russa” surgem com o enunciado de que esse foi um evento de repercussão mundial que igualmente permite uma correlação com a área de História, mesmo que o item, em si, não faça referência ao evento. O baixo índice de acerto é associado a uma “desvalorização” do conteúdo no Ensino Médio e é acompanhado de uma sugestão para que as instituições de ensino abordem o conteúdo nas aulas de Geografia. Com esses comentários, é construída uma cadeia discursiva que coloca nas provas os conteúdos considerados relevantes e apropriados para o Ensino Médio na medida em que o vestibular age como legitimador de quais conteúdos são validados como geográficos e como devem ser tratados.

Ao mesmo tempo em que o vestibular pleiteia se constituir na condição de universal, a fala da professora é por mim concebida como um movimento que vai no sentido contrário ao de permitir o predomínio completo do vestibular como orientador do currículo escolar dentro do seu contexto educacional. Assim, as reivindicações promulgadas pelo vestibular coexistem com a autonomia do professor em definir quais serão as referências curriculares empregadas em suas aulas.

## **GEOGRAFIA ESCOLAR A PARTIR DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO: A INFORMAÇÃO SIGNIFICADA COMO CONHECIMENTO**

No que se refere aos temas que surgem nas provas, considero que, além de divulgar conteúdos, os meios de comunicação também são responsáveis por criar as atualidades na medida em que definem quais são os acontecimentos que são passíveis de serem informados sistematicamente. Assim, a expressão dos eventos pelas mídias é fruto de negociação políticas que, como nos debates curriculares, selecionam, qualificam e determinam quais acontecimentos estão sujeitos a compor suas pautas com maior ou menor potência.

Em trabalho publicado na área de Comunicação, Paganotti (2019) realizou um estudo sobre a relação entre as publicações realizadas pela imprensa e sua utilização nas questões da primeira e segunda fase da Fuvest de 2010 a 2019. Pautado na Análise Crítica do Discurso (ACD) de Fairclough (2003), o autor destacou as questões que apresentavam em seu enunciado alguma referência a uma fonte jornalística. Com base nesse recorte, delimitou o que considerou serem aquelas questões nas quais os conhecimentos prévios sobre os fatos recentes seriam determinantes, ou ainda, que auxiliariam na seleção do gabarito por parte dos candidatos.

Ou seja, o autor se pautou naqueles conteúdos definidos curricularmente como História ou Geografia e, a partir disso, que atualizações esses conteúdos passaram por meio das fontes jornalísticas utilizadas nas provas. Segundo Paganotti (2019, p. 17), ainda que a Língua Inglesa tenha tido uma maior quantidade de questões baseadas em fontes de notícias, a Geografia a superou em número de questões que exigiam um conhecimento prévio dos fatos atuais para acertar o gabarito da questão. Os estudos realizados pelo autor em relação à Fuvest nos ajudam a reiterar o debate que vem sendo levantado neste artigo.

No que diz respeito à Comvest, o candidato com maior número de acertos em Geografia é aquele que é capaz de construir sentidos de conhecimento geográfico escolar articulados às atualidades. Quando a banca de correção colocar, por exemplo, que “Os candidatos que leram jornais, por exemplo, durante o ano de 2018, conseguiriam facilmente resolver a questão” (Comvest, 2019), é criada a noção de que ler as informações presentes nos jornais de grande circulação é o suficiente para garantir o desempenho esperado para esse item (e ainda outros).

Já nos mecanismos que perpassam a identidade docente e as expectativas direcionadas ao professor de Geografia, considero também haver um deslocamento dos conhecimentos e referências epistemológicas do professor em função de uma ênfase na atualização de informações de base jornalística, que não necessariamente se vinculam aos conteúdos tradicionalmente disputados e sedimentados no campo geográfico. É nesse cenário que reflito se as provas de Geografia do referido vestibular podem, ao tentar validar um sentido de Geografia Escolar, favorecer, justamente, um certo enfraquecimento de uma episteme geográfica e, inclusive, para fortalecer dispositivos voltados à instituição de uma nova disciplina escolar, a saber, a disciplina de Atualidades.



Temos um quadro no qual o maior contingente de estudantes egressos das graduações em Geografia se orienta ao exercício da carreira docente e que, ainda, expressiva parte desses estudantes chegam aos cursos de Geografia a partir da relação que desenvolveram com a Geografia na Educação Básica. Nessa direção, considero que os movimentos articulatórios exercidos pela equipe elaboradora dos itens das provas, representante da esfera acadêmica, podem, de forma contraditória, enfraquecer a Geografia Escolar ao criar-integrar o discurso de que a leitura de fontes jornalísticas é o suficiente para garantir um bom desempenho nos itens de Geografia.

Tratam-se de ações que podem ser consideradas em termos de uma espécie de “autossabotagem” pois, ao enfraquecer um discurso escolar, fragiliza igualmente a estabilidade acadêmica da Geografia. Em pesquisa realizada Ensino Médio por Callai (1999)<sup>5</sup>, ainda nos anos 1990, destacou a convicção de que para “curiosidades” e “atualidades” as aulas de Geografia não são necessárias, posto que existem outros meios de comunicação que transmitem essas informações de modo mais eficiente.

Em relação aos materiais produzidos pelos meios de comunicação e sua utilização nas aulas, Leão e Leão (2008) já expressavam a relação existente entre as informações propagadas por esses meios e o ensino de Geografia. Em entrevistas realizadas pelos autores com 88 professores de Geografia das redes pública e privada de ensino, apenas um afirmava não fazer uso de materiais midiáticos em suas aulas. Ao dialogar com Barros (1998), colocam que esse movimento realizado pelos professores trata-se de uma iniciativa de aproximação da *realidade*, de modo que, a partir da leitura dos jornais, os alunos poderiam entrar em contato com o que *acontece no mundo* – uma forma de pensar que concebe a produção midiática como transparente. Os autores não recriminam a utilização desse material em aula, mas propõem a realização de um tratamento do texto midiático como um meio para o ensino de Geografia e não como um fim, “(...) pois não é a mensagem contida na mídia que dá sentido ao ensino de Geografia, mas o contrário” (Leão; Leão, 2008, p. 99).

O fragmento supracitado compõe as discussões sobre as formas de se pensar a Geografia Escolar a partir dos itens de prova de exames vestibulares de modo geral. Se arquiteta a noção de que a familiarização com as constantes informações midiáticas é imperativa para se responder ao item conforme esperado. Como discutido ao longo deste texto, trata-se de uma operação que coloca o conteúdo jornalístico como equivalente ao conhecimento geográfico escolar com base em uma legitimidade outorgada pelo vestibular.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Preocupe-me em refletir sobre essa concepção de utilização de conteúdos atuais adotada pela Comvest, que consta em mais de um componente curricular de suas provas, como os exemplos da Química e História brevemente expressados. A ênfase estava, entretanto, em mobilizar sentidos em que esse princípio de se manter atualizado sobre os acontecimentos do mundo opera na formulação de um conhecimento geográfico escolar.

Na Geografia concebida pelas provas, se manter atualizado e acompanhar as notícias midiáticas se associa intimamente com o desempenho dos candidatos. A maneira como essas provas operam com as atualidades constrói o entendimento de que o candidato que consegue responder e resolver as questões de Geografia de forma acertada é aquele que se informa, já que as informações em si, ou as notícias, se estabelecem como condição na resolução do item em alguns casos.



Nesse contexto, a Geografia Escolar assume então a idealização de que é essencial que os candidatos compreendam o mundo atual por meio do que é constantemente noticiado sobre ele e coloca o conhecimento geográfico escolar como aquele que responde aos problemas e demandas da contemporaneidade por meio do seu modo de refletir sobre as questões do tempo presente.

A geopolítica, nesse aspecto, se torna um dos conteúdos identificados com a Geografia que mais exige constantes atualizações, dado que os processos que a envolvem estão em constante mudança, configurando as relações entre os diferentes países, nações e grupos políticos, conforme discutido em Cecim (2023). Do mesmo modo, a relação sociedade-natureza permite que os itens de Geografia acionem leituras mais direcionadas a aspectos físico-naturais e/ou sociais sobre os acontecimentos recentes.

Constantemente, o destaque de certos temas nos meios de comunicação o colocam na condição de um conteúdo de relevância social. Assim sendo, considero a articulação entre o conhecimento geográfico escolar e os temas propagados nos meios de comunicação como um modo de reiterar uma posição epistemológica da Geografia que, em termos de pertinência e estabilidade no currículo escolar, opera na afirmação de sua contribuição à Educação Básica por meio das suas análises socioespaciais do tempo presente, ou seja, da realidade atual do mundo e do aluno.

É dessa maneira que penso que a Geografia Escolar articulada da Comvest se encontra em relação metonímica com as atualidades. Todavia, ao afirmar que o acompanhamento de fontes jornalísticas é suficiente, ou um grande determinante do desempenho dos candidatos nas provas, pode ser construído um discurso que, na prática, pode enfraquecer a noção de relevância da Geografia na Educação Básica e por acabar conferindo destaque às atualidades em si. Por conseguinte, o mesmo vestibular que alega a importância pedagógica da Geografia pautada na discussão de temas de interesse social no tempo presente, pode, com efeito, enfraquecer sua estabilidade curricular ao articular um *telos* metafórico no qual as atualidades se sobressaíam em detrimento da Geografia.

Por fim, compreendo que a relação com o tempo presente como forma de validação social e estabilidade curricular não é exclusividade da Geografia Escolar e, igualmente, opera dentro de uma lógica utilitarista de conhecimento. Tampouco discordo da relevância que conferimos aos eventos contemporâneos, já que é neles que vivemos. No entanto, considero ser importante não perder de vista a construção de uma forma de raciocínio que seja geográfica de modo que, ao trazer ou nos depararmos com as atualidades em sala de aula, seja possível construir um tipo de conhecimento em detrimento da pura transmissão de informações já que essa, mesmo que com uma falaciosa neutralidade, já é realizada por muitos meios de comunicação e informação.

## NOTAS

2 São exemplos desses *sites*: “Uol Educação”, “Guia do Estudante Abril”, “Pro Universidade”, “Uol Vestibular”, “Enem Virtual”, “Mundo Educação Vestibular”, “Vestibular”, “Me salva”, dentre outros.

3 GUIA DO ESTUDANTE. “Unicamp 2020: saiba como é o estilo da prova, os conteúdos que mais caem, técnicas para redação e calendário completo do vestibular”. Disponível em: <<https://guiadoestudante.abril.com.br/especiais/unicamp-2019/>>. Acesso em janeiro de 2020.

4 “Unicamp: prova ‘simples e bem bolada’, afirmam professores” Notícias R7 Educação, 19/11/2017. Disponível em: ><https://noticias.r7.com/educacao/unicamp-prova-simples-e-bem-bolada-avaliam-professores-19112017>< Acesso em junho de 2019.

5 “Aparecem ideias de que Geografia seja conhecimentos, acontecimentos, atualidades, curiosidades. (...) A estes últimos, acrescentam ainda a ideia de inutilidade, pois que, para curiosidades e atualidades, têm outros meios de comunicação que são mais eficientes na transmissão” (Callai, 1999, p. 65).

## REFERÊNCIAS

- AMORIM, Raul. Um novo olhar na Geografia para os conceitos e aplicação de geossistemas, sistemas antrópicos e sistemas ambientais. **Caminhos da Geografia**, Uberlândia, v13, n.41, p.80-101, 2012.
- ANDRADE, Vinícius Carluccio de. Dicotomia intradisciplinar e inserção das “atualidades”: o ensino de Geografia a partir do cursinho popular TRIU. Encontro Regional de Ensino de Geografia, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, p. 239-251, **Anais[...]**. 2023.
- BARROS, Clóvis. 1998 *Apud* LEÃO, Vicente de Paula. LEÃO, Inêz de Carvalho. Ensino de Geografia e Mídia: linguagens e práticas pedagógicas. **Revista Educação** Belo Horizonte: Argumentum, 2008. 143p.
- BRASIL - MEC - Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Brasília: MEC, 2000. 109p.
- BRASIL - MEC - Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **PCNs+ Ensino Médio**: orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. MEC. Brasília, 2002. 144 p.
- BRASIL - MEC - Ministério da Educação **Exame Nacional do Ensino Médio**: fundamentação teórico-metodológica. INEP-MEC. Brasília-DF, 2005.
- BRASIL - MEC - Ministério da Educação. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**. Ministério da Educação (MEC). Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Brasília: MEC, 2006. 136p.
- BRASIL - MEC - Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica**. Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, 2013. 562p.
- BRASIL - MEC - Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: a educação é a base. Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, 2018. 600p.
- CECIM, Jéssica da Silva Rodrigues. Localização como princípio geográfico e memorização como movimento cognitivo na qualidade de lugar-comum no ensino de Geografia. **Boletim Campineiro de Geografia**. v. 10, n.2, p. 329-346
- CECIM, Jéssica. **O ENEM e o vestibular e suas articulações em torno da democratização do acesso ao ensino superior**. In: STRAFORINI, Rafael, CABRAL, Thiago, CECIM, Jéssica, FREITAS, Anniele (orgs). **Políticas Educacionais e Ensino de Geografia**: sentidos de currículo, práticas e formação docente. Jundiaí. Paco Editorial, 2020a. p. 265-290.
- CECIM, Jéssica da Silva Rodrigues. **O ensino de geografia a partir de demandas curriculares**: quais sentidos de conhecimento geográfico escolar estão em disputa? 271p (tese de doutorado). Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2021.
- CECIM, Jéssica; STRAFORINI, Rafael. O conhecimento geográfico escolar e as articulações entre a realidade do aluno e o conteúdo de atualidades. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia. V. 42, n. 2, p. 1-20, mai. 2022.
- COMVEST. **Prova comentada - Vestibular 2016**. 2016b. Disponível em: <https://www.comvest.unicamp.br/> Acesso em agosto de 2018.

- COMVEST. **Manual do candidato** - Vestibular 2016. 2017a. Disponível em: <https://www.comvest.unicamp.br/> Acesso em julho de 2018.
- COMVEST. **Prova comentada** - Vestibular 2018. 2018a. Disponível em: <https://www.comvest.unicamp.br/> Acesso em agosto de 2018.
- COMVEST. **Edital de Seleção Vestibular-2019**. 2018b. Disponível em: <https://www.comvest.unicamp.br/> Acesso em julho de 2018.
- COMVEST. **Edital de Seleção Vestibular-2020**. 2019. Disponível em: <https://www.comvest.unicamp.br/> Acesso em julho de 2018.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. New York: Routledge, 2003. *Apud* PAGANOTTI, Ivan. Atualidades em Exame: acompanhamento noticioso esperado pelos vestibulandos nas questões da Fuvest. Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação XXVIII Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - RS, 11 a 14 de junho de 2019. **Anais**[..].
- FERREIRA, Isabelle Sedícias Nascimento, et al. Instrumentos de coleta de dados na pesquisa qualitativa em Educação: uma discussão introdutória. In: **Pesquisa qualitativa em educação** [livro eletrônico] : métodos e técnicas em evidência / organizadores/as Adeilton Elias da Silva... [et al.]; coordenação Raylane Andreza Dias Navarro Barreto, Maria da Conceição Silva Lima. – Recife, PE: Ed. dos Autores, 2023.
- LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemonia e estratégia socialista**: por uma política democrática radical. São Paulo: Intermeios; Brasília: CNPq, [2006] 2015, 288p.
- LEÃO, Vicente de Paula; LEÃO, Inêz de Carvalho. **Ensino de Geografia e Mídia**: linguagens e práticas pedagógicas. Belo Horizonte: Argumentum, 2008. 143p.
- PAGANOTTI, Ivan. Atualidades em exame: acompanhamento noticioso esperado pelos vestibulandos nas questões da Fuvest. Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação XXVIII Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - RS, 11 a 14 de junho de 2019. **Anais**[...].
- SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. **Geografia física e geomorfologia**: uma releitura. Porto Alegre: Compasso Lugar -Cultura, 2018.
- VESENTINI, William. **O ensino de Geografia no século XXI**. 3ª ed. Campinas: Papirus, 2004.